

Por que a economia ganha ainda mais relevância no 2º turno

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Especialistas ouvidos pelo 'Nexo' avaliam peso da melhora dos indicadores nos resultados das eleições e mostram por que Lula e Bolsonaro devem redobrar suas apostas no tema até 30 de outubro

Uma das primeiras ações tomadas pelo governo de Jair Bolsonaro (PL) após o primeiro turno da eleição presidencial de 2022 foi a antecipação do pagamento do Auxílio Brasil em outubro. A medida garante que as transferências sejam feitas até o dia 25, antes do segundo turno das eleições presidenciais, em 30 de outubro. O presidente também prometeu o pagamento de um 13º do Auxílio para mulheres em 2023.

A medida é mais uma iniciativa de Bolsonaro para ganhar terreno eleitoral apostando na economia – em 2022, ele ampliou gastos a partir de dribles nas leis eleitorais e fiscais e articulou a redução de impostos sobre combustíveis. Bolsonaro disputa a Presidência com Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que terminou a primeira rodada do pleito com 48% dos votos válidos, cinco pontos à frente do mandatário.

Neste texto, o Nexo mostra como a economia apareceu no primeiro turno e conversa com especialistas para entender quais devem ser as estratégias dos candidatos com relação ao tema até 30 de outubro. A avaliação é que Bolsonaro tentará explorar a melhora dos índices econômicos, enquanto Lula irá manter a aposta na memória da gestão de seu governo de 2003 a 2010.

O momento da economia PIB

A economia brasileira está em crescimento em 2022. O PIB (Produto Interno Bruto) cresceu 1,2% no segundo trimestre do ano. Entre agentes do mercado financeiro, a expectativa é que a alta ao final do ano seja de 2,7% em relação a 2021. Para 2023, no entanto, a perspectiva é de desaceleração da atividade, com crescimento abaixo de 1%.

EMPREGO

A melhora do PIB em 2022 é acompanhada de uma retomada do emprego – a taxa de desemprego ficou em 8,9% entre junho e agosto, menor nível desde 2015. Esse movimento se apoiou em boa parte na criação de vagas de má qualidade, marcadas pela informalidade e pela remuneração baixa.

INFLAÇÃO

A inflação, que chegou ao pico de 12,13% acumulados em 12 meses em abril, caiu em julho e agosto (os dados completos de setembro serão divulgados em 11 de outubro). A queda foi impulsionada pela redução do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre combustíveis e energia elétrica, articulada por Bolsonaro e aprovada no Congresso. A queda do barril de petróleo no mercado internacional, que se refletiu em reduções de preço pela Petrobras, também contribuiu.

JUROS E ENDIVIDAMENTO

Com a aceleração da inflação, o Banco Central elevou as taxas de juros em um forte ciclo de alta promovido entre março de 2021 e setembro de 2022. A taxa Selic, a taxa básica de juros da economia, foi de 2% ao ano para 13,75% ao ano nesse período. Em paralelo, o endividamento da população atingiu níveis recordes.

FOME E POBREZA

Segundo dados da Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional), 33 milhões de pessoas passavam fome no Brasil no início de 2022. A pobreza também está em alta, atingindo 63 milhões de pessoas em 2021, segundo o FGV social. A população de rua também registrou crescimento.

A economia no primeiro turno

O desempenho eleitoral de Bolsonaro, que ficou com 43,2% dos votos no primeiro turno, foi superior ao que indicavam as pesquisas de intenção de voto realizadas nas semanas anteriores ao pleito. Os levantamentos sugeriam que a expansão dos benefícios sociais e a melhoria da economia não seriam fatores com reflexo forte nas urnas em favor do presidente.

Os institutos mostravam uma clivagem entre eleitores de diferentes faixas de renda. Lula aparecia com maior apoio entre a população de mais baixa renda, e Bolsonaro com maior intenção de voto entre os mais ricos. Não é possível saber, só pelas urnas, como votaram as pessoas de cada faixa de renda, mas o petista acabou tendo desempenho melhor nos municípios mais pobres do país.

Especialistas ouvidos pelo Nexo divergiram sobre quanto do desempenho acima do esperado de Bolsonaro pode ser atribuído à economia.

Na avaliação de Adriano Laurenço, gerente de análise política e econômica da Prospectiva Consultoria, a economia ajudou Bolsonaro a ter bom desempenho nas urnas, quando comparado à expectativa que se formou antes do pleito.

“A melhora no nível de emprego, a melhora no nível de geração de renda, a melhora do PIB, a melhora do nível de consumo e a deflação, todos esses fatores juntos vinham ajudando Bolsonaro a reduzir um pouco seu patamar de rejeição e melhorar sua aprovação, ainda que de forma lenta e gradual”, afirmou Laurenço. “Nas urnas, esse efeito se mostrou mais intenso do que as pesquisas vinham demonstrando”, disse. Ele também levantou a hipótese segundo a qual a melhora econômica pode ter ajudado o presidente a atrair um voto antecipado de eleitores de Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB).

Rodrigo Mahlmeister, pesquisador do CEM (Centro de Estudos da Metrópole), não concorda que seja possível atribuir o resultado eleitoral de Bolsonaro à economia. “Ainda não é possível dizer qual a fonte desse aumento de voto”, disse.

O pesquisador disse que é possível atribuir uma melhora na avaliação do governo de Bolsonaro antes do pleito ao cenário econômico mais favorável – mas destacou que esse movimento não acontecia “num ritmo suficiente para Bolsonaro ter um arranque”. “Entre quem recebe Auxílio Brasil, ele continuou mal avaliado. Mas no geral, em termos de preço de combustível, enfraquecimento da inflação e retomada da atividade econômica, é plausível associar a melhora dos indicadores de avaliação do governo a essa recuperação”, disse.

As estratégias do primeiro turno

LULA

Lula chegou ao primeiro turno sem ter apresentado a versão final de seu programa de governo ou detalhado propostas – a ausência de um texto final visou não desagradar nenhum membro de sua ampla aliança. Entre as poucas posições explícitas, ele se colocou contra privatizações de empresas como Eletrobras, Correios e Petrobras, e defendeu a revogação do teto de gastos, regra que limita as despesas do governo. A campanha de Lula apostou na memória de seus governos entre 2003 e 2010, lembrando que houve crescimento econômico e redução da pobreza e da desigualdade.

BOLSONARO

No primeiro turno, Bolsonaro indicou que irá manter as diretrizes econômicas de seu governo, adotando discurso liberal, com defesa de reformas e de privatizações. O presidente, assim como alguns aliados,

chegou a negar e minimizar o problema de fome no país. Ele também atribuiu a crise enfrentada pelo país à pandemia e à guerra na Ucrânia, tentando valorizar feitos da sua gestão, mesmo que tenham partido de outros agentes – como o Pix, do Banco Central, e o auxílio emergencial, articulado pelo Congresso. Bolsonaro também mobilizou a máquina pública e obteve licença para aumentar gastos, driblando a lei eleitoral e as regras fiscais para expandir o Auxílio Brasil para R\$ 600. Por fim, obteve apoio do Congresso para reduzir o ICMS de combustíveis.

As sinalizações para o segundo turno

Pouco após a divulgação dos resultados das urnas no domingo (2), Bolsonaro concedeu entrevista em que admitiu que problemas econômicos – principalmente a inflação – ainda atingem a população brasileira e os mais pobres, em especial. O presidente falou que reconhece “o sentimento de pessoas de que a vida delas ficou um pouquinho pior na questão econômica”. Mas voltou a atribuir o cenário à pandemia e à guerra na Ucrânia.

“Vamos agora com mais ênfase mostrar para essas pessoas que nós reconhecemos que o poder aquisitivo dela caiu, mas a economia está recuperando bem, isso se fará presente de forma positiva em um curto espaço de tempo. E mostrar que certas mudanças, às vezes, não vêm para melhor”

Jair Bolsonaro

presidente da República e candidato à reeleição, após o primeiro turno em 2 de outubro de 2022

Já Lula indicou que irá redobrar a aposta na comparação de seus governos entre 2003 e 2010 com o mandato de Bolsonaro. “Você sabe que a economia não está boa. Que a qualidade de vida não está boa, que a renda não está boa, que o emprego não está bom”, disse o presidente em pronunciamento no domingo (2), após a definição de que haverá segundo turno.

“Vamos deixar o segundo turno para a gente poder medir, fazer comparações entre o Brasil que ele [Bolsonaro] construiu com o Brasil que nós construímos. O nosso período de governo, da qualidade de vida do povo com o que o povo tem hoje”

Luiz Inácio Lula da Silva

ex-presidente e candidato à Presidência da República, em pronunciamento em 2 de outubro de 2022

A estratégia de Bolsonaro sob análise

De acordo com Laurenço, da Prospectiva, o “grande trunfo que Bolsonaro tem para tentar reverter o resultado da eleição é exatamente a melhora na economia, que vai continuar se efetivando ao longo desse período”. Ou seja, ao longo das quatro semanas de campanha até o segundo turno, o presidente irá tentar vender um otimismo sobre o futuro da economia.

Mas Laurenço disse que esta é uma estratégia que não encontra apoio nas expectativas para a economia. “Na prática, a gente sabe que essa melhora econômica está muito relacionada às medidas eleitorais de Bolsonaro e com o rombo fiscal que vai ficar para o ano que vem [2023]. A melhora econômica não é permanente. Mas conforme vai passando o tempo, essa sensação [de que as coisas estão melhorando] se solidifica na população”, disse Laurenço.

Mahlmeister, do CEM, afirmou que Bolsonaro “vai batalhar para dizer ‘a vida piorou, mas não foi minha culpa’, atribuindo a culpa à pandemia e a ‘restrições excessivas’”. Nesse sentido, o pesquisador considera que o presidente irá tentar se isentar da responsabilidade pela queda na qualidade de vida.

Ambos especialistas ouvidos pelo Nexo, portanto, entendem que o presidente não só irá tentar explorar a ideia de melhoria econômica, mas também tentará atribuir marcas negativas atingidas em seu governo a fatores externos.

A estratégia de Lula sob análise

Para Laurenço, o PT deve adotar uma estratégia “conservadora” no segundo turno. Isso significa a continuidade de uma campanha com poucas propostas concretas, e a aposta redobrada na memória dos

governos de Lula entre 2003 e 2010.

“O PT ainda está na frente e é favorito. Pelo menos no começo da campanha, se Bolsonaro não demonstrar ser um risco à eleição do Lula, a estratégia deve continuar com o discurso nostálgico do primeiro turno e evitar as polêmicas que vêm quando você apresenta uma proposta”, disse.

Mahlmeister, do CEM, concordou que Lula deverá insistir na ideia de contrapor seus governos com o de Bolsonaro. Mas disse também que é possível que o PT incorpore propostas a partir de negociações com outras candidaturas derrotadas, principalmente de Ciro Gomes e Simone Tebet. “Talvez exista um acréscimo nas propostas nesse sentido de confirmar um apoio de presidentiáveis que saíram derrotados nesse primeiro turno”.

O PDT anunciou apoio a Lula na terça-feira (4). Nas negociações, sugeriu que o PT incorporasse três medidas do programa de governo de Ciro: um programa de educação em tempo integral, uma política de renda mínima e a eliminação de dívidas do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito).

A economia pode decidir a eleição?

Laureno e Mahlmeister divergiram quanto ao peso que a economia deverá ter no voto dos brasileiros no segundo turno.

“A economia já vem sendo considerada o assunto prioritário do eleitorado desta eleição [2022], ao contrário de 2018, em que corrupção e violência foram temas prioritários”, disse Laureno. “O fato de que a economia é o assunto prioritário é o que leva Lula a ser o favorito na eleição. Porque pelo menos até aqui, ele sempre foi apontado nas pesquisas entre o eleitorado como o candidato que melhor fez uma gestão da economia”.

No raciocínio do analista da Prospectiva Consultoria, Bolsonaro seria o preferido da população para corrupção e violência – temas que dominaram a eleição de 2018 –, enquanto Lula continua sendo o favorito para lidar melhor com a economia.

Mas é justamente essa percepção que Bolsonaro tentará mudar no segundo turno, segundo Laureno: “A grande questão é se Bolsonaro vai, a partir dessa melhora econômica dessas quatro semanas [entre 2 e 30 de outubro], conseguir se mostrar para o eleitorado como um candidato melhor na gestão econômica do que Lula”.

Mahlmeister, por sua vez, entende que a economia sozinha “certamente não” vai decidir a eleição. Ele afirmou que a questão da religião é um dos principais motivos por trás disso.

“Desde 2018, temos acompanhado uma limitação nesse chamado voto econômico, que diz que é sempre a economia que decide se o incumbente vai ter sucesso ou não na tentativa de eleição. A identidade religiosa no Brasil tem colocado limites ao voto econômico”, afirmou o pesquisador do CEM.

Outro argumento é que a pandemia ainda tem efeitos negativos sobre a aprovação do presidente. “Ele nunca conseguiu reverter essa situação de popularidade do governo [dos piores momentos da pandemia], com números de rejeição maiores que de aprovação”, disse Mahlmeister.